

A Tradição Cerâmica Aratu identificada no Sítio Arqueológico Serra do Evaristo, município de Baturité, estado do Ceará, Brasil

Verônica Pontes Viana^{1,*}, Valdeci Santos Jr.², Daline Lima de Oliveira¹,
Leandro José do Nascimento Souza³, João Nilo de Souza Nobre³, Thalison dos Santos³ & Cristiane de Andrade Buco⁴

¹Universidade Federal do Ceará

²Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

³Universidade Federal de Pernambuco

⁴Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro/Universidade de São Paulo

*veronicapviana@gmail.com

O texto descreve um sítio arqueológico descoberto no município de Baturité, estado do Ceará, no qual predominam elementos da tradição cerâmica arqueológica Aratu, já identificada em outros estados brasileiros. A Serra do Evaristo está inserida em um enclave úmido em meio aos sertões semiáridos, criando um “ambiente de exceção”. O sítio apresenta grande densidade de vestígios da cultura material, em especial urnas funerárias piriformes, além de lâminas de machados polidas, mesmo que, até o momento (2025), apenas 10% da sua área total de dispersão espacial de vestígios tenha sido escavada. As análises polínicas revelaram o consumo de mandioca, batata doce, milho, além de plantas frutíferas como palmeira, caju e maracujá. As primeiras datações arqueológicas revelaram uma ocupação em torno de 635-555 anos AP (Antes do Presente), período cronológico correspondente à fase final da tradição Aratu em território brasileiro.

Palavras-chave: Arqueologia Cearense. Serra do Evaristo. Tradição Cerâmica Aratu. Preservação patrimonial.

The text describes an archaeological site discovered in the municipality of Baturité, on Ceará state, in which elements of the Aratu archaeological ceramic tradition predominate, already identified in other Brazilian states. The Evaristo mountain range is located in a humid enclave in the middle of the semi-arid hinterlands, creating an “exceptional environment”. The site presents a high density of material culture remains, especially pyriform funerary urns, as well as polished ax blades, even though, until the moment (2025), only 10% of its total area of spatial dispersion of archaeological remains has been excavated. Pollen analyzes revealed the consumption of cassava, sweet potatoes, corn, as well as fruit plants such as palm trees, cashews and passion fruit. The first dates obtained through archaeological investigations revealed an occupation around 635-556 years BP (Before Present), corresponding to the final phase of the Aratu tradition in the Brazilian territory.

Keywords: Ceará Archaeology. Evaristo Mountains. Aratu Ceramic Tradition. Heritage Preservation.

Introdução

A Arqueologia do estado do Ceará ainda possui caráter incipiente e a maioria das pesquisas realizadas está associada à arqueologia de contrato, caracterizada, no geral, por estudos de caráter assistemáticos e não continuados. Na atualidade, o avanço das pesquisas, de modo a equipa-

rar-se à realidade observada em outros estados da federação, ainda esbarra na ausência de cursos universitários voltados à formação profissional, bem como na inexistência de instituições de pesquisas dentro ou fora do espaço acadêmico.

Com relação à distribuição espacial de sítios arqueoló-

gicos conhecidos no território cearense, enfatiza-se que o aumento exponencial de trabalhos de arqueologia de contrato junto a obras de engenharia nas duas últimas décadas, resultou em um número elevado de descobertas em regiões com maior demanda por instalação de empreendimentos, principalmente no litoral. Essas descobertas geraram um balanço desproporcional no número de sítios registrados – quando comparadas as regiões litorâneas, serranas e sertanejas – o que apenas revela a concentração de obras realizadas na zona costeira, em detrimento do continente.

A região serrana do Maciço de Baturité, por exemplo, onde se localiza o sítio Serra do Evaristo, até a realização das escavações arqueológicas no ano de 2012 financiadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), ainda não tinha sido alvo de pesquisas sistemáticas, embora fosse detentora de um grande potencial arqueológico, representado na área por um número significativo de sítios com material cerâmico, reportado em diversas ocasiões, por meio de descobertas fortuitas realizadas pela população local.

Com o presente artigo, procura-se descrever o ambiente natural de deposição dos vestígios culturais, tratar da presença de grupos indígenas em épocas pretéritas e atuais nesse interjacente serrano, caracterizar o sítio e a cultura material recuperada (inclusive o trabalho técnico de acondicionamento visando a sua preservação), bem como posicioná-lo nas discussões acerca da dispersão de grupos ceramistas Aratu pelo território brasileiro, dada a similaridade do conjunto de artefatos da Serra do Evaristo com os principais atributos que identificam essa tradição, embora diferenças também sejam detectadas.

O contexto ambiental

O Sítio Arqueológico Serra do Evaristo está localizado no município de Baturité, região serrana do Maciço de Baturité Fig. 1. O acesso à área, a partir da sede municipal, dá-se por meio de uma estrada vicinal, chegando-se ao sítio depois de um trajeto de 12 km, a uma altitude aproximada de 600 m. A região serrana chama atenção por sua beleza cênica e clima ameno.

A serra de Baturité integra a subunidade dos planaltos residuais incluída no Domínio dos Escudos e Maciços Antigos. Apresenta projeção altimétrica que chega aos 900 a 1.000 m interrompendo a monotonia da paisagem da depressão sertaneja circundante e abriga o segundo ponto mais elevado do estado do Ceará, o Pico Alto, em Guaramiranga. A sua elevação também permite a formação de solos mais profundos, além de funcionar como barreira aos ventos oriundos do Atlântico, ocasionando o estabelecimento de um mesoclima de altitude com maior pluvio-

osidade e temperaturas mais amenas, favorecendo a formação de densa mata com fisionomia de floresta úmida, predominante na maior parte da serra. Alguns autores têm sugerido que essa cobertura vegetal com árvores de maior porte representaria um resquício de Mata Atlântica (Cavalcante 2005; Freire e J. S. Lima 2014; Pinheiro e Silva 2017; Sobrinho e Ross 2009; M. J. N. Souza e Oliveira 2006).

Essas e outras características têm levado alguns estudiosos a aplicarem a essa área termos propostos por Ab'Saber (2003), como “paisagem de exceção ou enclave úmido”, que corresponderia a verdadeiras “ilhas verdes” em meio ao contexto geoecológico do semiárido onde predomina a caatinga, que recobre as depressões interplanálticas e intermontanas. Esses “ambientes de exceção” são, portanto, ricos em recursos hídricos superficiais e os solos têm de média a alta fertilidade natural (M. J. N. Souza e Oliveira 2006). Adaptado de Bastos e Peulvast (2016, p. 127)

O maciço de Baturité é formado, em sua maioria, por unidades litoestratigráficas do embasamento cristalino pré-cambriano, afiliadas, principalmente, ao Complexo Ceará, unidades Canindé e Independência, predominando gnaisses com fácies de anfibolito de idade paleoproterozoica, mais ou menos remobilizados, migmatizados e intercalados com diferentes afloramentos menores de quartzitos, micaxistos, mármore e intrusões leucograníticas. Essa área foi afetada por um tectonismo intenso, identificado por zonas fraturadas, dobradas e falhadas (Almeida et al. 2000; Bastos e Peulvast 2016; Freire e J. S. Lima 2014; IBAMA 2002; Monié et al. 1997; M. J. N. Souza e Oliveira 2006).

Há, ainda, na porção oriental do maciço, uma cobertura de sedimentos detríticos cenozoicos, pouco espessos, que caracterizam a Formação Barreiras, sobrepondo-se ao embasamento cristalino e coberturas sedimentares quaternárias, resultantes dos depósitos aluviais, proveniente das vertentes íngremes, concentradas no fundo de vales e no entorno dos principais rios, o Choró e o Pacoti, além daqueles setores localizados no próprio maciço, onde os vales se alargam configurando planícies alveolares (Bastos e Peulvast 2016; Freire e J. S. Lima 2014; M. J. N. Souza e Oliveira 2006).

Na área de estudo o relevo é fortemente dissecado nas porções mais elevadas e apresenta falhas orientadas no sentido Nordeste-Sudoeste (NE/SW), conforme se percebe em feições morfológicas como cristas, colinas, lombadas, interflúvios tabulares estreitos, vales em V e planícies alveolares (vales com fundos planos semicirculares), além de zonas de cisalhamento, eventuais dobramentos e fraturamentos. O modelado do relevo teria se desenvolvido, principalmente, no Quaternário, sob acentuada

influência da instabilidade climática característica desse período (Bastos e Peulvast 2016; Freire e J. S. Lima 2014; M. J. N. Souza e Oliveira 2006).

De acordo com Freire; Lima (2014), as feições morfológicas da Serra de Baturité apresentam as seguintes características: a) as cristas constituem-se de formas aguçadas, vertentes retilíneas e alongadas, com declive superior a 45%, o que condiciona o aparecimento de escarpas e vertentes rochosas expostas; b) as colinas configuram vertentes mais curtas e topos de formas convexas mais suaves do que as das cristas; c) as lombadas são bem semelhantes às colinas, no entanto se alongam no sentido paralelo ao fundo dos vales, configurados pela capacidade de dissecação da drenagem superficial, localizados entre as vertentes em forma de “V”; d) as planícies alveolares são áreas planas (até 2% de declividade) que se encontram ao fundo da junção de vertentes, resultantes de materiais provenientes da erosão, originados por depósitos colúvio-aluviais, sendo propícias para a agricultura por não ocasionarem a aceleração da erosão, ao contrário das áreas de declive, como as vertentes.

A impermeabilidade natural das rochas do maciço permite a esculturação do relevo e impede a infiltração d'água proveniente da chuva, condicionando um escoamento superficial, no qual rochas menos coesas e mais heterogêneas vão sendo desagregadas. Consequência desse processo é a formação de uma rede de drenagem bastante ramificada em padrão dendrítico. Com relação à hidrografia, sabe-se que os rios Putiú e Aracoiaba são as maiores fontes de recursos hídricos para o abastecimento de água no município de Baturité. Os riachos das Lajes, do Padre, da Panta, da Pedra Aguda, Mucunã, Nilo, Pilar, Salgado, Santa Clara, Sinimbu, Supriano, completam os recursos hídricos e, juntamente com o rio Putiú, deságuam no rio Aracoiaba (Freire e J. S. Lima 2014; Penteado 1980).

O contexto etno-histórico

Com relação às informações acerca da presença indígena na área ressalta-se que, da mesma maneira que ocorre com a arqueologia, os estudos no estado são bastante escassos e os cursos universitários de graduação sequer ofertam disciplinas de história indígena ou equivalente, diferentemente do que ocorre em outras universidades brasileiras. A história do Ceará é problematizada, de maneira geral, a partir da chegada dos colonizadores europeus. As informações sobre os povos originários que habitaram ou transitaram o território cearense restringem-se, no geral, a apêndices em publicações globais. De todo modo, a presença indígena está documentada desde os anos iniciais da colonização do estado no século XVII. São

narrativas de missionários, cronistas, viajantes que mantiveram contato com grupos tapuias e tupis que habitaram ou transitaram nas serras, sertões e praias cearenses, entre os quais podemos citar os tapuias Tremembé, Tarairiú (Canindé, Jenipapo, Paiacu), Tocariju, Cariri, entre outros; e os grupos do Tronco Tupi, entre os quais podem ser citados os Potiguar e os Tabajara (Abbeville 1975; Evreux 2002; Figueira 1967; Moreno 2002). O primeiro documento escrito sobre a história do Ceará, *A Jornada do Maranhão*, da autoria do Padre Luis Figueira (Figueira 1967), narra exaustivamente o contato desse missionário com grupos Potiguar instalados na aldeia do Cobra Azul, no município de Trairi, costa oeste do estado, e com alguns tapuias, como os Tocariju da Serra da Ibiapaba, responsáveis pela morte do seu companheiro de ordem, o Padre Francisco Pinto.

Com relação à presença indígena no maciço de Baturité, Studart Filho (1963, p.156) faz referência à existência de grupos Jaguaribara, Jaguarigoara ou Jagureguara vivendo “na ampla nesga que vai da margem esquerda do Choró ao Rio Mundaú e Serra de Baturité, silvícolas que tiveram grande atuação na vida dos primeiros povoadores deste canto do país”. As informações acerca desses grupos habitando ou transitando nesse interjacente são raras, não aparecendo em quaisquer outros documentos, podendo se tratar de investidas fugazes nos arredores da região. Informações mais consistentes se referem à presença de indígenas do grande tronco Tarairiú na área, dentre os quais se identificam os Jenipapo e os Canindé, que, por falarem a mesma língua e possuírem parentesco, foram reunidos no mesmo aldeamento, em territórios correspondentes aos municípios de Banabuiú, Choró, Quixadá e, por fim, na Missão de Nossa Senhora da Palma, no município de Baturité. Em 1759, com a expulsão dos Jesuítas, a missão foi elevada à condição de Vila, sob a designação Monte-Mor, o Novo da América, local onde foi posteriormente fundada a cidade de Baturité, na segunda metade do século XVIII. Em 1791 foram unidos aos Canindé e Jenipapo, da Missão da Palma, um contingente maior de indígenas oriundos de missões em conflitos, os Jucá da Vila de São Mateus (município de Jucás), os Paiacu de Monte-Mor Velho (atual município de Pacajus), entre outros.

Segundo Studart Filho (1963, p.198/200), “existiam vestígios do tempo primitivo, onde o ouvidor achou inconveniente erigir a vila pela sinuosidade do terreno e estreiteza do platô”, destacando que, no governo de Barba Alado Meneses (1808-1811), a Vila de Monte Mor, o Novo, “era quase toda composta de índios e mamelucos”, reunindo possivelmente os indígenas Quixelô e Paiacu no mesmo aldeamento. O mapa de Nimuendajú (1987) confirma a diversidade de grupos indígenas habitando ou

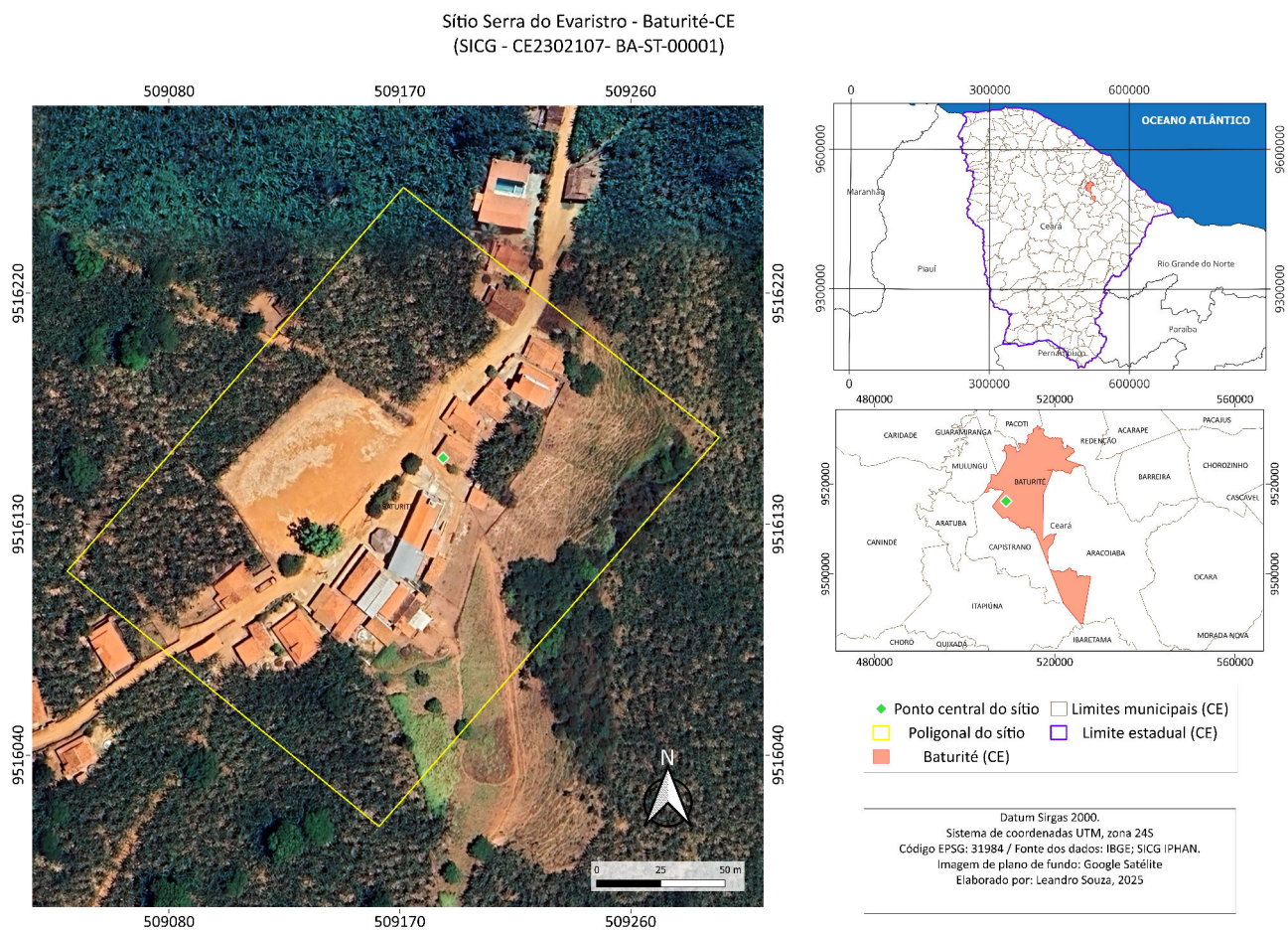


Figura 1: Mapa com a identificação espacial do Sítio Arqueológico Serra do Evaristo, no município de Baturité, estado do Ceará, Brasil. Fonte: Os autores, 2025.

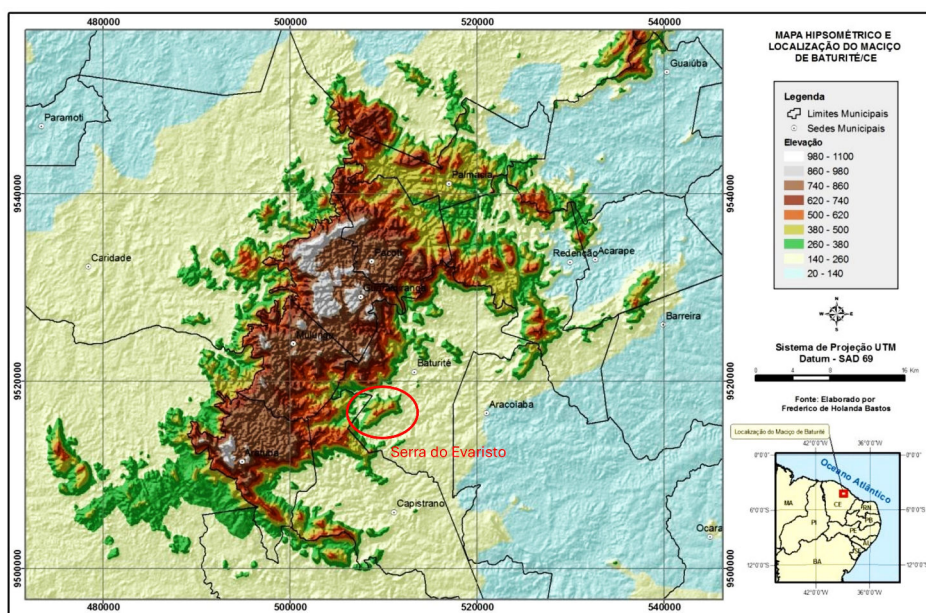


Figura 2: Mapa hipsométrico com detalhe da Serra do Evaristo. Adaptado de Bastos e Peulvast (2016, p. 127).

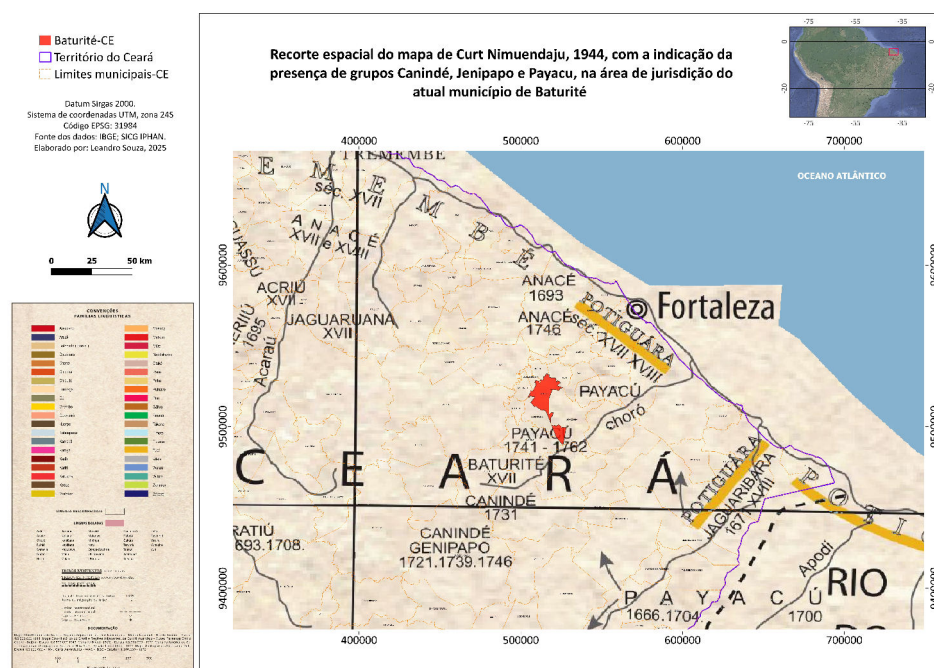


Figura 3: Recorte espacial do mapa de Curt Nimuendaju, 1944, com a indicação da presença de grupos Canindé, Jenipapo e Payacu, na área de jurisdição do atual município de Baturité-CE.

transitando nos arredores da serra de Baturité (Fig. 3).

Os grupos aldeados em Baturité ou os que transitavam em suas adjacências em momento anterior à missão religiosa, foram filiados ao grupo tapuia Tarairiú, identificado também nos estados de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, ocupando as ribeiras do Jaguaribe e Choró, no Ceará, além dos rios Apodi, Açu-Piranhas e Seridó, no Rio Grande do Norte (Santos Junior 2008). Essa designação Tarairiú aparecerá por diversas vezes nas “crônicas portuguesas e batavas por serem terríveis combatentes e inimigos ferrenhos dos colonizadores aos quais infringiram graves derrotas militares no correr do século XVII” (Studart Filho 1962, p. 195). Os Tarairiú representavam a grande maioria dos grupos nativos envolvidos no episódio conhecido como a Guerra dos Bárbaros, uma série de conflitos ocorridos entre 1651 e 1704, envolvendo os colonos luso-portugueses e os povos indígenas no processo de expansão das atividades pecuárias sertão adentro (Puntoni 2002).

Embora as fontes apontem para a presença do grupo indígena Tarairiú habitando a área na época da colonização da capitania do Ceará, não se pode falar de uma associação direta entre o sítio arqueológico em estudo e os Tarairiú; de todo modo, existe uma datação radiocarbônica em período muito próximo para a ocupação do sítio Serra do Evaristo, situando-o entre os séculos XVIII e XIV (IPHAN 2014).

Na atualidade, habita a região os indígenas Kanindé e os Karão. Com relação aos Kanindé ou Canindé, como é mais comum em fontes e estudos, estão localizados no

sítio Fernandes, município de Aratuba, vizinho a Baturité, a 6 km da cidade da sede municipal, tendo também outra aldeia em Gameleira no município de Canindé (Gomes 2012). Os Karão ou Karão-Jaguaribara estão presentes nos municípios de Baturité na Aldeia Beira Rio, Capistrano na Aldeia Furna da Onça e Aratuba nas aldeias Cabeça da Onça, Boa vista, Jacarandá, Cajazeiras e Feijão (F. G. C. Lima 2003).

A caracterização da Tradição Cerâmica Aratu

Com relação à inserção do Sítio Serra do Evaristo no panorama arqueológico regional (sem esquecer as especificidades locais), destacamos, conforme mencionado, a sua filiação à tradição ceramista Aratu, presente em áreas do cerrado, semiárido, costa atlântica, florestas tropicais e subtropicais, sendo a área central do Brasil o seu provável centro de origem. Seus assentamentos situam-se em um universo cronológico que tem início por volta de 1780 anos AP e se estende até 400 anos AP, com estudos sistemáticos nos estados da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Goiás e, mais recentemente, Paraná (Fernandes 2012). Em que pesem as similaridades entre os conjuntos artefatuais, particularmente no que diz respeito a algumas formas dos vasilhames cerâmicos, também se registram variabilidades relacionadas às práticas mortuárias, tecnologia lítica, distribuição espacial das áreas de habitação e sepultamento, entre outros (Dias Jr.

1971; Fernandes 2012; Prous 2019; Schmitz e Rogge 2008; Soares 2012, 2013)

A tradição é caracterizada pela presença de cerâmicas sem decoração interna ou externa, vasilhames com formas ovóides, elipsoides e piriformes, cujos grandes recipientes podem chegar a 1m de diâmetro, podendo servir como receptáculo funerário ou vasilhame de armazenagem; sítios a céu aberto com grandes manchas e alta concentração de material cerâmico; disposição das manchas (habitações) em formato circular; sítios comumente alocados nas proximidades de córregos de médio e pequeno portes; implantação preferencial em áreas planas ou de inclinação leve na meia encosta de colinas. É identificada também por associar-se a uma população agrícola, com grandes e duradouros sítios habitacionais, onde poderiam morar até mais de mil pessoas, junto aos quais podem ser encontrados cemitérios contendo até uma centena de urnas funerárias. Não se registram pratos e nem assadores de mandioca (Caldarelli 2002; Schmitz e Rogge 2008; Soares 2012, 2013).

A característica mais marcante e exclusiva da tradição

na Bahia, estado onde foi identificada inicialmente, são os grandes campos de urnas funerárias, onde se encontram agrupados conjuntos de sepultamentos. Calderón (1971) chegou a identificar conjuntos de até 25 urnas, habitações caracterizadas por manchas de terra preta sem morfologia específica e, diferentemente de outras áreas, os sepultamentos não estão ligados a núcleos habitacionais. No tocante à dispersão da tradição Aratu no Nordeste brasileiro, particularmente no território baiano, (Robrahn-Gonzalez 1996) sugere que as levadas migratórias afastaram-se dos grupos que se fixaram em Goiás ainda no início do domínio da região central, seguindo ao Nordeste pelo vale do rio São Francisco. Essa hipótese, segundo (Soares 2013), parece encontrar apoio em dados empíricos através da sequência de datações obtidas, vista como a segunda região mais antiga de ocupação, atrás apenas do núcleo central mais antigo e consolidado que se fixou em Goiás. As datações para a Tradição Ceramista Aratu para o estado da Bahia até o ano de 2012 estão detalhados na Tabela 1.

Tabela 1: Datações arqueológicas obtidas por pesquisadores com artefatos da tradição Ceramista Aratu até o ano de 2012 (Fernandes 2012, p. 28).

Pesquisador	Datação obtida	Sítio arqueológico	Código da datação
Etchevarne	870±50 660±30	Piragiba Água Vermelha	GIF-10999 Beta-296867
Calderon	870±90 1360±40 1050±250	Guipe Beliscão São Desidério	SI-142 ou SI-542 SI-341 ou SI-541 GIF-1440
Gonzalez e Zanettini	770±50	Sauípe - 10	Beta - 128682
Wüst	895±90 AP ou 1055 AD 1140±90 AP ou 810 AD 1070±150 AO ou 880 AD 960±75 AP ou 990 AD 1120±90 AP ou 830 AD 1090±110 AP ou 860 AD 980±110 AP ou 970 AD	GO-CA-01 GO-CP -02 GO-CP -02 GO-JU -04 GO-RV-02 GO-RV-02 GO-RV-02	SI-2195 SI-2770 SI-2771 SI-2768 - - -
Gonzalez	171 DC 1175 DC	GO-CA-02 GO-RV-13	- -
Schmitz et al.	1065±90 a 1095±70 AD 400 DC	Fase Sapucaí -	SI-822 e SI-824 -
Perota	1610 a 1630 AD	Nova Almeida	-
Simões	1500 a 1600 AD 1730±75 a 1780±75 AD 800 A 1300 AD 1345±70 AD 1065±90 a 1095±70 AD	F. Itanhém F. Itaúnas F. Guarabu F. Jacereípe F. Jaraguá	- SI-834 e SI-829 - SI-836 SI-822 e SI-824

Para o estado de Minas Gerais, Dias Jr. (1971) aponta a existência de 35 sítios de uma tradição não Tupi-Guarani dividida em, pelo menos, três fases: a Jaraguá, com técnica de fabricação acordelada, tratamentos de superfícies alisado, engobado em vermelho, estriado ou pintura sem engobo, além de formas diversas; a Itaci, de técnica acordelada, queima incompleta, tratamento de superfície com decoração incisa e estriada; a fase Sapucaí, com maior distribuição espacial, apresentando técnica acordelada como as demais, queima incompleta, tratamento de superfície representado pelo banho vermelho, ocorrendo decoração estriada em quatro sítios e incisa em dois; entretanto, o pesquisador chama a atenção para um sítio que apresentou grande variedade de decorações consideradas Tupi-Guarani, com decorações escovada, acanalada, engobo branco, unglado, digitado, entalhado e corrugado. Ao final, filia as três primeiras fases descritas aos achados de Calderón na Bahia:

Reconhecemos haver certa dificuldade para a determinação de fases em cerâmica, à primeira vista, tão semelhante, toda ela, claramente pertencente à uma mesma tradição, tradição esta que se caracteriza, sobretudo, pela pobreza da decoração, restrita, em linhas gerais, ao banho vermelho e ao estriado. Também a existência de certas formas, sobretudo grandes urnas piriformes, simples, e o material lítico, servem como diagnósticos para esta tradição. Esta guarda relações com a cerâmica encontrada por S. Pereira em São Paulo, e por Calderón na Bahia, este, na Tradição Aratu (Dias Jr. 1971)

No Espírito Santo, Perota (1971) identificou duas fases para a tradição Aratu: a Guarabu, caracterizada por recipientes piriformes com bordas introvertidas, variação na decoração com peças não decoradas e algumas que possuíam um revestimento externo de argila com até 2mm de espessura; a fase Itaúnas, definida também por suas formas, geralmente piriformes, com bordas introvertidas, peças de corpo globular com gargalo reto, esféricas de contorno simples e meia calota; contudo, entre as duas fases, foi identificadas variabilidades de acabamentos decorativos.

Com relação à área central do Brasil, particularmente o estado de Goiás, onde existem os assentamentos mais antigos, Schmitz et al. (1982) identificaram um conjunto de sítios arqueológicos cujos vestígios e características de implantação na paisagem assemelham-se aos definidos para a tradição Aratu, os quais foram associados à fase Mossamedes, caracterizada por manufatura acordelada, queima incompleta, tratamento de superfície alisado, antiplásticos variando entre material orgânico (cariapé) e

material inorgânico (quartzo, mica, feldspato). Mudanças de antiplástico foram associadas a mudanças tecnológicas ao longo do tempo e concluindo que a composição de areia média a grossa é mais antiga, enquanto o antiplástico orgânico é mais recente. Com relação à presença de elementos da tradição Tupi-Guarani em meio ao conjunto mais recente, sustentou-se uma eventual incorporação de técnicas de confecção pelos artesãos da tradição Aratu.

Destaca-se ainda presença de sítios em formato anelar de grandes proporções, particularmente na região de Mato Grosso de Goiás, contendo manchas de terra preta dispostas em círculo na volta de um grande espaço central vazio, configurando, assim, uma estrutura de sítio-habitação semelhante às grandes aldeias apontadas pela etnografia. De todo modo, essas características nem sempre se repetem em sua totalidade para todos os sítios filiados à referida tradição (Schmitz et al. 1982; Soares 2013).

No estado de São Paulo, Caldarelli (2002) enfatiza que a cerâmica Aratu apresenta os atributos típicos dessa tradição, tais como, antiplástico mineral, vasilhas ovóides, globulares e semi-globulares, com contorno simples e infletidos; profusão de enterramentos (simples e múltiplos) em urnas funerárias, tampadas com vasilhas em forma de calota ou usando uma pedra achatada retangular e, em vários casos, apresentando vasilhas menores como acompanhamentos funerários.

Com relação à dispersão da tradição Aratu para o sul do país, destaca-se o sítio de Apucarana, localizado na cidade homônima, no estado do Paraná, compartilhando o mesmo espaço com elementos da tradição Itararé, como ela aparece no sul do Brasil. Por AMS, o sítio foi vinculado aos séculos XIV e XV da nossa era, período em que a tradição Aratu já tinha criado núcleos de povoamento no Nordeste, no Centro-Oeste, no Sudeste e no Sul do país. Schmitz e Rogge (2008) partem do pressuposto de que esses grupos autores da tradição Aratu descenderam em levadas migratórias oriundas do centro e sudeste, podendo indicar que o domínio de regiões mais ao sul se explica pelo esgotamento de exploração de recursos naturais nas áreas pioneiras, levando a população a migrar para novos territórios e estabelecer distintas alianças culturais que permitiram sua sobrevivência enquanto grupo étnico.

A Tradição Cerâmica Aratu no Ceará

No estado do Ceará, a descoberta de sítios associados à tradição Aratu não pode ser considerada recente, e a presença desses em publicações especializadas têm sido recorrentes, embora não sejam fornecidos detalhes acerca da sua localização precisa e outras características dos assentamentos:

No vale do Quixeramobim e perto de Qui-

xadá (CE), M.Parnes e A. Souza encontraram também sítios cuja cerâmica se parece muito com a Aratu da Bahia: as mesmas urnas piriformes, uso de têmpera de grafita ou areia, bordas “onduladas”, etc. No entanto, esse material apresenta a mesma presença de pequenos apêndices de preensão com perfuração transversal que caracteriza a fase Papeba do Rio Grande do Norte e poderia, portanto, constituir um traço distintivo de uma fácies setentrional do grande conjunto das cerâmicas Aratu. (Prous 2019, p. 503–504)

Por meio de consulta às fontes bibliográficas, é possível inferir que tal referência esteja associada ao sítio Serra do Vicente, localizado em um maciço serrano homônimo, próximo à Serra do Evaristo, onde foi realizada na década de 1970, uma escavação do Centro de Informação Arqueológica (CIA)/Rio de Janeiro, ligado ao Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica (PRONAPA). A Serra do Vicente está localizada no município de Capistrano, mas no passado pertenceu ao município de Baturité. O relatório produzido pelo Cia apontou diversas correlações entre a cerâmica da Serra do Vicente e a referida tradição:

Entre esses pontos de contato, destacamos: os enterramentos apresentam-se em grupos de 3 a 4 urnas em lugares elevados; as urnas funerárias são piriformes; as urnas são tampadas por tigelas em posição invertida; ocorrem discos cerâmicos perfurados; pasta de areia; o tempero corresponde a três tipos: areia grossa, areia fina e grafite; tigelas de borda ondulada com bicos espaçados; altura das urnas entre 55 a 75cm. O sítio agora descrito poderá representar um ponto de estacionamento dentro das rotas migratórias, já que a sua profundidade não é tão grande quanto a dos sítios do Recôncavo Baiano. (Parnes e A. M. Souza 1971, p. 142–143)

O Sítio Arqueológico Serra do Evaristo: escavações, análises e preservação

Os vestígios arqueológicos identificados na Serra do Evaristo são encontrados *in situ*, diferentemente do que se observa em relação a inúmeros vestígios depositados em museus cearenses, sobre os quais não se dispõe, sequer, de suas procedências. O solo argiloso avermelhado e enrijecido existente na área contribuiu para a preservação dos conjuntos artefatuais, embora algumas vasilhas tenham sido “degoladas” (perdidas as bordas) em virtude de

atividades cumulativas de terraplanagem, construção de habitação e de um campo de futebol (Viana et al. 2023). A presença de vestígios arqueológicos na área foi noticiada pela imprensa local no início da década de 2000, mas os moradores mais antigos relatam a presença de numerosas vasilhas aflorando em superfície, desde tempos imemoriais.

As escavações arqueológicas no sítio Serra do Evaristo ocorreram no ano de 2012 e foram financiadas pela Superintendência do IPHAN no Ceará. Atendendo às medidas estabelecidas no edital de contratação da empresa para executar as pesquisas na área, estudantes quilombolas residentes no local participaram das atividades de escavação, de análise laboratorial e de educação patrimonial. Com o intuito de evitar a desterritorialização do acervo recuperado, foi construído, com recursos financeiros oriundos de um Termo de Ajustamento de Conduta, um museu comunitário, abrigando espaço expositivo e reserva técnica.

As atividades de escavação concentraram-se em seis pontos da área nuclear do sítio: o jardim da casa da sra. Aparecida Freitas, a estrada vicinal, o campo de futebol, a área frontal da escola e da igreja, onde foram executadas intervenções na forma de sondagens de 1 m² e 2 m², além de uma área de plantio, onde foi escavada uma trincheira com 10 m². No total, foram abertas 18 Unidades de Escavação, relacionadas a trechos nos quais as vasilhas já afloravam (Castro et al. 2015).

Nesses trechos foram executados todos os procedimentos clássicos de intervenção em sítios arqueológicos: execução de planta topográfica do terreno, coleta dos vestígios que já afloravam em superfície, delimitação física das áreas a serem escavadas, decapagens por níveis artificiais de 10 cm, posicionamento topográfico das estruturas e vestígios identificados, documentação por meio de desenhos e fotografias dos vestígios e das estruturas, bem como dos perfis estratigráficos revelados, etiquetagem e acondicionamento do material exumado, conforme procedimentos vigentes. Com o início da consolidação das informações, elencou-se um conjunto de 26 vasilhas cerâmicas, das quais, 8 apresentaram ossos humanos (alguns exemplos das vasilhas: Figs. 4 a 6).

As vasilhas cerâmicas oriundas das escavações (Fig. 7), com formas, tamanhos e finalidades distintas (sepultamento, ritual e uso utilitário), são de paredes espessas, com diâmetros variando de 10 a 80 cm. Vasilhas com diâmetros de 17 a 19 cm, contendo apêndices perfurados nas proximidades das bordas, foram identificadas ao redor de grandes recipientes funerários. Destaca-se a presença de um arranjo artefactual representado por cerâmicas dispostas de modo a sugerir um ritual funerário: uma urna localizada no centro do conjunto, ladeada por quatro vasilhas

menores, as quais, após análise laboratorial, revelaram a presença de restos alimentares, provavelmente oferecidos nas referidas práticas rituais.

As vasilhas constituintes do conjunto cerâmico não possuem elementos decorativos pintados ou incisos nas suas bases e bojos, seja na face externa ou interna, no entanto, são registradas incisões do tipo ungulado/serrilhado nas bordas de alguns fragmentos. Com relação às técnicas de fabricação, o conjunto foi elaborado, majoritariamente, com a técnica que faz uso da sobreposição de roletes de argila (acordelado), sendo raros os exemplares modelados. No tocante à morfologia dos vasilhames (Fig. 8), predominam os contornos simples, tamanhos grandes e médios, com destaque para as tipologias piriformes, elementos diagnósticos da tradição Aratu, ocorrendo exemplares ovóides, globulares, elipsóides e esféricos, sendo as vasilhas globulares pequenas associadas a oferendas.

Associados ao conjunto de vasilhas cerâmicas foram recuperadas rodela de fusos cerâmicos com diâmetros de 5 a 12 cm, adornos, materiais líticos lascados, além de machados polidos trapezoidais (Figs. 9a e 9b). Entre as matérias-primas, destaca-se o basalto de fina granulação, com alisamento e polimento. Quanto ao material lascado, as matérias-primas apresentam arenito silicificado, quartzo e quartzito, os quais foram elaborados com poucas retiradas.

O sítio Serra do Evaristo corresponde a um assentamento multicomponencial e, embora ocorrendo em quantidades raras, foram identificados materiais arqueológicos do século XIX, exemplificados por faianças finas inglesas e fragmentos de vasilhas cerâmicas de fabricação local (Fig. 10), a chamada “cerâmica regional” produzida em tornos ou com a técnica da modelagem. No mais, uma pequena quantidade de fragmentos cerâmicos de bordas reforçadas, típicos da tradição Tupi-Guarani, também foi identificada.

Com relação ao conjunto ósseo recuperado, sabe-se que o material é bastante numeroso e os dentes apresentam desgastes associados ao processo de mastigação de alimentos moderadamente abrasivos (raízes, cascas, peles, ossos, sementes). Também foi verificada a existência de atrição dentária por uso dos dentes como instrumentos para segurar ou preparar couros e fibras vegetais (IPHAN 2014, p. 127).

Os grupos ceramistas Aratu ocuparam o sítio Serra do Evaristo por volta dos séculos XIII e XIV da nossa era (BETA – 328350, carvão, 14C AMS 670+/-30, CalBP2σ 635-555, calAD2σ 1395-1297), a partir de uma datação associada a um esqueleto do sepultamento 1 (Vasilha 2), exumado nas proximidades da escola local, alcançando 120 cm de profundidade (IPHAN 2014, p. 129).

Usando o método de extração de palinóforos, que consistiu no tratamento com ácidos para a dissolução de carbonatos e silicatos (HCl a 37% e 10% e HF a 40%) e líquido denso (bromofórmio; $D = 2,8$) para a concentração de microvestígios orgânicos, estudos de palinologia realizados por (Freitas et al. 2015, p. 214–226), a partir de coletas de cinco amostras: fragmento interno (massa) de uma vasilha cerâmica grande; (2) fragmento interno (massa) de uma vasilha globular pequena; (3) sedimento interno de uma vasilha da unidade UE03; (4) fragmento interno (massa) de uma vasilha piriforme grande; (5) sedimento interno de uma vasilha da unidade UE011, identificaram mandioca (*Manihot* sp.), batata-doce (*Ipomoea* sp.), algodão (*Gossypium* sp.) e milho (*Zea mays*), além de palmeiras (Arecaceae) e plantas frutíferas como caju (*Anacardium* sp.) e maracujá (*Passiflora* sp.), sustentando que os grupos ocupantes da área desenvolveram práticas agrícolas ao redor de suas habitações. No mais, o registro do pólen de palmeiras (Arecaceae) e árvores típicas de bosques secundários (Moraceae, Urticaceae) junto às plantas cultivadas, indicaram o manejo de vegetais e um possível processo de construção da paisagem local. Entre junho e agosto de 2024 foi executado (através de edital licitatório do IPHAN) um projeto de adequação do acervo arqueológico do Museu Comunitário da Serra do Evaristo à Portaria IPHAN 196/2016. O resultado está detalhado na Tabela 2. Todos os vestígios arqueológicos (líticos, cerâmicos, ósseos, metálicos e de louça doméstica) (exemplos Figs. 11 e 12) oriundos das escavações realizadas no sítio arqueológico da Serra do Evaristo foram devidamente identificados, inventariados e acondicionados em caixas apropriadas para tal fim, visando a preservação desse patrimônio cultural e futuras análises arqueológicas por pesquisadores.

Tabela 2: Tipologia e quantitativo dos vestígios arqueológicos que foram catalogados e acondicionados na reserva técnica do Museu Comunitário da Serra do Evaristo. (IPHAN 2024, p. 20)

Ordem	Material	Quantidade
01	Líticos	259
02	Cerâmicas	7417
03	Ósseo, ósseo com sedimentos e demais vestígios bioarqueológicos (malacológicos, coprólitos e osteodermos)	811
04	Metálicos	1
05	Louça doméstica (faianças)	12
Total geral		8500



Figura 4: Conjunto funerário com pequenas vasilhas contendo oferendas.



Figura 5: Detalhe das pequenas vasilhas da Fig. 4.



Figura 6: Duas urnas funerárias sobrepostas.



Figura 7: Urnas funerárias existentes na reserva técnica e área expositiva do Museu Comunitário da Serra do Evaristo. Fonte: Fotos dos autores, 2024.



Figura 8: Vasilhas cerâmicas coletadas no Sítio Arqueológico da Serra do Evaristo e atualmente depositadas na reserva técnica e na exposição do Museu Comunitário da Serra do Evaristo. Fonte: Fotos dos autores, 2024.



Figura 9: Artefatos coletados no Sítio Arqueológico da Serra do Evaristo e atualmente na exposição do Museu Comunitário da Serra do Evaristo. Fonte: Foto dos autores, 2024.



Figura 10: Fragmentos de cerâmica local. Fonte: Foto dos autores, 2024.



Figura 11: Colher de cerâmica. Fonte: Foto dos autores.



Figura 12: Acondicionamento de vasilhas cerâmicas na reserva técnica do Museu Comunitário da Serra do Evaristo. Fonte: Foto dos autores.

Considerações finais

Embora a arqueologia cearense ainda seja marcada pela incipiência de suas pesquisas, alguns trabalhos realizados nos últimos anos têm apresentado dados importantes para a compreensão do povoamento remoto desse território, elucidando aspectos relacionados à tecnologia, à relação com o lugar, à dieta, aos rituais funerários, à temporalidade, conforme tem ocorrido no sítio Serra do Evaristo.

Ainda que as pesquisas no sítio em estudo tenham caráter preliminar, já é possível associá-lo à tradição Aratu, com as características a seguir: com relação à cultura material, registra-se a presença de cerâmicas sem decoração interna ou externa, exceto as incisões unguiladas ou serrilhadas nos lábios das bordas; grande incidência de alças aplicadas a pequenos recipientes (de 8 a 17 cm de diâmetro); de vasilhames com formas ovóides, elipsóides, bem como piriformes, com diâmetros chegando a 80 cm. As vasilhas possuem, no geral, bases arredondadas e semiplanas, fabricadas com a técnica acordelada, sendo verificados muitos fragmentos de roletes do bojo ou discos de base. Os antiplásticos que compõem a pasta cerâmica estão em análise, mas já podemos adiantar a presença de grãos de areia fino a médio, além de cacos cerâmicos, registrando-se ainda inexistência ou baixa incidência de materiais orgânicos animais ou vegetais na composição.

Com relação às práticas rituais e funerárias, sabemos que os grupos que habitaram a área sepultavam em receptáculos cerâmicos, de forma primária ou secundária. De um total de 26 vasilhas recuperadas nas escavações do ano de 2012, em oito foram identificados ossos humanos. No mais, grandes recipientes funerários piriformes ou globulares foram circundados por pequenos vasilhames, dentro dos quais foram identificadas eventuais ofer-

rendas, representadas por ossos da pequena caça, tubérculos e frutas.

Com relação às formas de sobrevivência e implantação na paisagem, estamos diante de grupos agricultores, com dieta baseada no consumo de tubérculos como mandioca, batata-doce, milho, além de frutíferas como palmeiras, caju e maracujá, que também manipulavam o algodão por meio da fiação. Elegeram estabelecer-se em uma área plana, no topo do maciço residual da Serra do Evaristo, em altitude de 650 a 700 m, implantando na área um grande sítio habitacional, com áreas específicas destinadas ao sepultamento.

Dado o caráter multicomponencial do sítio em questão, também são encontrados, embora em menor quantidade, vestígios cerâmicos com características de fabrico típicas da tradição Tupi-Guarani, apresentando paredes de grande espessura e bordas reforçadas, os quais podem estar associados a passagens fugazes dos autores desse conjunto, assimilação pelos grupos detentores da tecnologia Aratu ou ainda possíveis trocas e/ou furtos. Compõem ainda o conjunto artefactual, em menor número ainda, vestígios dos séculos XIX e XX, a exemplo de cerâmicas de fabricação local, restos de construção, louças importadas ou locais, entre outros.

A descoberta de um sítio Aratu, em Apucarana, no norte do estado do Paraná, conforme referido, mostrou que essa população de agricultores teve grande expansão no território brasileiro no sentido Sul. Assim, Apucarana representa o ponto mais extremo sul alcançado pelos ceramistas da tradição Aratu, ao passo que a Serra do Evaristo, no município de Baturité, objeto da nossa discussão, representa agora o ponto mais extremo alcançado por essa cultura no sentido norte (Viana et al. 2023).

As pesquisas no sítio Serra do Evaristo estão sendo

continuadas por meio do desenvolvimento de trabalhos acadêmicos em níveis de graduação, mestrado e doutorado, levadas a cabo por pesquisadores externos ou locais, sendo importante destacar que apenas 10% da área do sítio foi escavada até o momento. Estudos acerca das relações de pertença da comunidade local com o sítio arqueológico, análise da distribuição espacial, especificidades da alimentação, análises osteológicas para identificação de patologias, além de estudos de arqueogenética, poderão ampliar as informações acerca das especificidades da tradição Aratu na área.

Referências

- Ab'Saber, Aziz Nacib (2003). *Os domínios de natureza no Brasil: Potencialidades paisagísticas*. Ateliê Editorial.
- Abbeville, Claude d' (1975). *História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*. Obra original publicada em 1613. Editora da Universidade de São Paulo; Livraria Itatiaia.
- Almeida, Fernando F. M., Benjamim B. de Brito Neves e Celso D. R. Carneiro (2000). "The origin and evolution of the South American Platform". Em: *Earth-Science Reviews* 50.1-2, pp. 77–111. DOI: 10.1016/S0012-8252(99)00072-0.
- Bastos, F. de H. e J.-P. Peulvast (2016). "Susceptibilidade à ocorrência de movimentos de massa no Maciço de Baturité - Ceará, Brasil". Em: *Revista do Departamento de Geografia* 32, pp. 124–142.
- Caldarelli, Solange B., ed. (2002). *Projeto de salvamento do patrimônio arqueológico da faixa de domínio da rodovia Carvalho Pinto, Vale do Paraíba, São Paulo: Relatório final*. DERSA; IPARQI; UNISANTOS; SCIENTIA.
- Calderón, Valentin (1971). "Breve notícia sobre a arqueologia de duas regiões do Estado da Bahia". Em: *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: Resultados preliminares do quarto ano (1968-1969)*. Publicações Avulsas 15. Museu Paraense Emílio Goeldi, pp. 63–178.
- Castro, V. M. C. et al. (2015). "Práticas funerárias dos grupos ceramistas pré-históricos do sítio Serra do Evaristo I, município de Baturité, Ceará". Em: *Mneme: Revista de Humanidades* 16.36, pp. 201–227.
- Cavalcante, A. M. B. (2005). *A Serra de Baturité*. Edições Livro Técnico.
- Dias Jr., Ondemar Ferreira (1971). "Breves notas a respeito das pesquisas no sul de Minas Gerais". Em: *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: Resultados preliminares do quarto ano (1968-1969)*. Publicações Avulsas 15. Museu Paraense Emílio Goeldi, pp. 133–148.
- Evreux, Yves d' (2002). *Viagem ao norte do Brasil: Feita nos anos de 1613 a 1614*. Obra original publicada em 1614. Siciliano.
- Fernandes, L. A. (2012). "Uma revisão da tradição Aratu na Bahia". Em: *Clio Arqueológica* 27.1, pp. 1–32.
- Figueira, Luís (1967). "Relação do Maranhão". Em: *Três documentos do Ceará colonial (1608)*. Obra original publicada em 1608. Departamento de Imprensa Oficial, pp. 114–157.
- Freire, L. M. e J. S. Lima (2014). "Caracterização geomorfológica da Serra de Baturité, Ceará". Em: *Revista Geonorte* 10.6, pp. 58–64.
- Freitas, A. G., S. Medeanic e S. C. Lima (2015). "Manejo y cultivo de plantas en sierras húmedas del NE de Brasil ca. 670-530 BP: Evidências palinológicas del yacimiento Evaristo I". Em: *SAGUNTUM. Papeles de Laboratorio de Arqueología de Valencia* 47, pp. 203–231.
- Gomes, A. (2012). "Aquilo é uma coisa de índio: Objetos, memória e etnicidades entre os Kanindé do Ceará". Repositório Institucional UFPE. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.
- IBAMA (2002). *Planejamento biorregional do Maciço de Baturité*. Banco do Nordeste.
- IPHAN (2014). *Relatório de escavação do sítio funerário Serra do Evaristo, município de Baturité-Ceará*. Rel. técn. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
- (2024). *Relatório final de adequação do acervo arqueológico do Museu Comunitário da Serra do Evaristo (Baturité-CE) – Portaria 196/2016 (produto 4)*. Rel. técn. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
- Lima, F. G. C. (2003). "Povos indígenas e sítios arqueológicos no Maciço do Baturité, Ceará: A arqueologia indígena do povo Karão Jaguaribaras". Trabalho de conclusão de curso. Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.
- Monié, P., R. Caby e M. Arthaud (1997). "The Proterozoic Brazilian orogeny in northeast Brazil: 40Ar/39Ar and petrostructural data from Ceará". Em: *Precambrian Research* 81.3-4, pp. 241–264. DOI: 10.1016/S0301-9268(96)00037-X.
- Moreno, Diogo de Campos (2002). *Jornada do Maranhão: Por ordem de S. Majestade feita no ano de 1614*. Obra original publicada em 1614. Siciliano.
- Nimuendajú, Curt (1987). *Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes*. Obra original publicada em 1944. IBGE. URL: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=214278>.
- Parnes, M. e A. M. Souza (1971). *Relatório de pesquisas no Ceará*. Relatório mimeografado. Centro de Informação Arqueológica.

- Penteado, M. M. (1980). *Fundamentos de geomorfologia*. IBGE.
- Perota, Celso (1971). “Dados parciais sobre a arqueologia norte espírito-santense”. Em: *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: Resultados preliminares do quarto ano (1968-1969)*. Publicações Avulsas 15. Museu Paraense Emílio Goeldi, pp. 149–162.
- Pinheiro, J. e F. E. S. Silva (2017). “Dinâmica natural e estratégia de conservação na Serra de Baturité, Ceará”. Em: *Revista GeoNordeste* 28.2, pp. 56–75. DOI: 10.21664/2318-2695.2017v28n2.p56-75.
- Prous, André (2019). *Arqueologia brasileira: A pré-história e os verdadeiros colonizadores*. Archaeo; Carlini & Caniato Editorial.
- Puntoni, Pedro (2002). *A guerra dos bárbaros: Povos indígenas e a colonização do sertão nordeste do Brasil, 1650-1720*. Editora Unesp.
- Robrahn-Gonzalez, Erika (1996). “A ocupação ceramista pré-colonial do Brasil Central: Origem e desenvolvimento”. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo.
- Santos Junior, V. dos (2008). *Os índios Tapuias do Rio Grande do Norte: Antepassados esquecidos*. Fundação Vingt-un Rosado.
- Schmitz, Pedro I. et al. (1982). *Arqueologia do centro-sul de Goiás: Uma fronteira de horticultores indígenas no centro do Brasil*. Pesquisas, Antropologia 33. Instituto Anchietano de Pesquisas – UNISINOS.
- Schmitz, Pedro I. e J. H. Rogge (2008). “Um sítio da tradição cerâmica Aratu em Apucarana, PR”. Em: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 8, pp. 47–68.
- Soares, J. (2012). “Discutindo a tradição Aratu: O sítio cerâmico GO-RV-06 e novas contribuições”. Dissertação de mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- (2013). “Discutindo a tradição Aratu: Proposta de um modelo de dispersão e implantação nas zonas de tensão ecológica”. Em: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 23, pp. 61–77.
- Sobrinho, J. F. e J. L. S. Ross (2009). “Alteração na paisagem vegetal em diferentes compartimentações geomorfológicas do Vale do Acaraú-Ceará”. Em: *Caminhos de Geografia* 10.30, pp. 153–162.
- Souza, M. J. N. e V. P. V. Oliveira (2006). “Os enclaves úmidos e sub-úmidos do semi-árido do Nordeste brasileiro”. Em: *Mercator - Revista de Geografia da UFC* 5.9, pp. 85–102.
- Studart Filho, Carlos (1962). “Os aborígenes do Ceará (I)”. Em: *Revista do Instituto do Ceará* 76, pp. 5–73.
- (1963). “Os aborígenes do Ceará (II) – Notícias históricas”. Em: *Revista do Instituto do Ceará* 77, pp. 153–217.
- Viana, V., C. A. Buco e T. Santos (2023). “Os caminhos da história do Ceará antes da escrita”. Em: *Revista do Instituto do Ceará* 137, pp. 273–302.